

OS ANTIGOS HOTÉIS DE PORTO ALEGRE

Sílvia Lopes Carneiro Leão

O texto apresentado a seguir é parte de um trabalho de pesquisa sobre arquitetura de hotéis intitulado *Arquitetura de hotéis: caso de Porto Alegre-RS¹*, de 1998. Mas a idéia original remonta, em verdade, ao período em que residi em Florianópolis, de 1983 a 1994. A beleza natural da cidade e a rápida expansão do setor turístico, hoje a atividade econômica de maior importância para o desenvolvimento da região, inspiraram o tema de minha dissertação de mestrado *Hotel: origens e formas atuais. Caso de Florianópolis-SC*, concluída em 1995².

Ao retornar a Porto Alegre, nesse mesmo ano, pareceu-me oportuno empreender estudo semelhante na capital gaúcha, utilizando os mesmos conceitos e a mesma sistemática de análise anteriores. A posição geográfica privilegiada da cidade em relação aos principais pólos econômicos do conesul, sua condição de capital de estado e suas características cosmopolitas, que a identificam, em alguma medida, com as capitais argentina e uruguaia, fazem de Porto Alegre um ponto estratégico no contexto do MERCOSUL. Como consequência, o setor turístico, até agora de secundária importância, tende a desenvolver-se, principalmente no que se refere ao chamado “turismo de negócios”, voltado à realização de encontros de trabalho, convenções e outros eventos do gênero.

A pesquisa então iniciada, dividiu-se em três partes principais: a primeira, centrada na hotelaria gaúcha em geral — número de hotéis, distribuição e tipos mais importantes; a segunda, apresentando uma abordagem histórica dos hotéis de Porto Alegre — primeiros hotéis, antigas tipologias, principais hotéis do início do século; a terceira, enfocando os hotéis atuais da capital — características gerais, levantamento e análise de uma amostra selecionada.

A escolha da segunda parte, referente aos antigos hotéis, como tema deste artigo, deveu-se a fatores diversos. Em primeiro lugar, à intenção de divulgar um material documental relevante e um acervo fotográfico inédito que obtive em arquivos da prefeitura³, bibliotecas, museus locais e moradores ligados aos antigos proprietários⁴. Em segundo lugar, à convicção que tenho da maior qualidade arquitetônica daqueles edifícios, com sua riqueza interior, variedade tipológica e precisa inserção no tecido da cidade, em relação aos atuais. Colaborou para a escolha, também, a idéia de fazer uma espécie de “passeio nostálgico” pela antiga Porto Alegre, percorrer o seu centro residencial e descongestionado, andar pela Rua da Praia, com seus charmosos cafés e galerias comerciais e descansar, finalmente, num banco da Praça da Alfândega, de onde ainda se avista o pôr-do-sol no Guaíba... Será, além disso, uma forma de render homenagem aos antigos hotéis da capital, tão respeitáveis por sua peculiar elegância e pela proeminência de seus hóspedes, em especial a dois deles, o Grande Hotel e o Majestic Hotel, objetos do trecho transcrito a seguir.

**Um elevador lento e de
ferragens Belle Époque**

**me leva ao
antepenúltimo andar
do Céu,**

**cheio de espelhos baixos
e de poltronas**

**como o hall de
qualquer um antigo
Grande Hotel.**



FIG. 1 Hotel de France.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

Se a importância da arquitetura hoteleira da capital gaúcha pode ser considerada discreta, exemplos como o do já extinto Grande Hotel, elegante estabelecimento situado em frente à Praça da Alfândega, e o do Majestic Hotel, hoje Centro de Cultura Mário Quintana, não podem ser desprezados. Ambos do início deste século, situavam-se na Rua da Praia, a mais importante da época. Os mais antigos estabelecimentos de que se tem registro, aliás, com destaque já na segunda metade do século XIX, também ali se situavam. O Hotel del Siglo, inaugurado por volta de 1870, ficava exatamente onde estava situado o antigo cinema Guarani, entre as atuais ruas Caldas Júnior e João Manoel. No livro “Porto Alegre. Crônicas da minha cidade”, Sanhudo o descreve como “o hotel da época”, um “casarão formidável” que abrigava os mais importantes visitantes da capital⁵. Mais adiante, na esquina da atual avenida Borges de Medeiros, onde hoje está o Edifício Missões, ficava o Hotel de France (Fig.1), outro reduto de figuras eminentes, principalmente políticos. As informações a respeito são escassas, mas sabe-se que pertencia ao Sr. João Pedro Bourdette, que mais tarde participou da fundação do Grande Hotel. O edifício de três andares destacava-se de seus vizinhos, o prédio de um pavimento da Livraria do Globo e o sobrado de Germano Petersen Júnior, no térreo do qual ficava a alfaiataria da família, considerada um “ninho de politicalha”⁶. A parte de baixo do edifício era ocupada pela agência da Singer e por um restaurante e, os dois pavimentos superiores, pelo hotel, que se anunciava com os seguintes dizeres: “Estabelecimento de primeira ordem, situado no melhor ponto da capital. Grandes salas para famílias. Quartos para banhos mornos e de chuva. Serviço culinário com todo o asseio e esmero. Encomendas para fora. Banquetes, almoços e jantares particulares”⁷.

● GRANDE HOTEL

O Sr. Bourdette associou-se, anos depois, a seu genro, Sr. Cristino Cuervo, com o qual tornou-se proprietário do Hotel Lagache, fundado por Gustavo Maynard e situado à Rua Marechal Floriano. Nos primeiros anos deste século, no intuito de estenderem suas atividades, os sócios desfizeram-se do Lagache e adquiriram o Hotel Brasil, situado em um antigo prédio na Praça da Alfândega, onde hoje encontra-se a sede do Clube do Comércio. Remodelado, o hotel foi ligado por uma passagem interna ao edifício pertencente ao antigo Ginásio São Pedro, situado à Rua General Câmara, próximo à Riachuelo. Foi em 1908 que o Hotel Brasil passou a denominar-se Grande Hotel e já então hospedava pessoas ilustres e políticos importantes. Decorridos alguns anos, os edifícios interligados não mais preenchiam seus fins, e o Sr. Cuervo, sucessor do sogro Bourdette na direção geral do estabelecimento, lançou-se à construção de um moderno edifício, próprio para a função hoteleira, em terreno na esquina da Rua da Praia com a Rua Payssandu, hoje Caldas Júnior. A obra, a cargo do construtor Francisco Tomatis e fiscalizada pelo Engenheiro Vitelo de Carvalho, foi iniciada em 1916 e concluída dois anos depois, em 1918⁸. O edifício tinha planta composta

por duas alas ligadas nas extremidades por um bloco com sanitários, corredor e escada de serviços, formando a figura de meia cruz suástica (Fig.8a). Tal geometria permitia a criação de um pátio interno voltado para os fundos (Fig.2) e a adaptação do edifício a um sobrado existente exatamente na esquina (Fig.3). Uma das alas tinha frente para a Rua da Praia, para onde se abriam sete aposentos do pavimento-tipo, e outra para a Payssandu, com quatro aposentos. Sanitários e demais dormitórios, menos privilegiados, voltavam-se ou para o pátio ou para as divisas laterais. Dos 20 quartos existentes por pavimento, apenas três contavam com banheiro privativo. O acesso principal dava-se por amplo e requintado *lobby*, em frente à Praça da Alfândega (Fig.4), e a majestosa escada, com dois elevadores laterais, conduzia a um corredor-tipo bastante complexo, em zigue-zague e com uma bifurcação na ala da Payssandu, ora interno, com células de ambos os lados, ora externo, voltado para o pátio. Tal complexidade era determinada pela localização excêntrica da circulação vertical em uma das alas. O edifício eclético, de fachada profusamente decorada, tinha base comercial e era encimado por frontões que marcavam a hierarquia entre ala de acesso - Rua da Praia - e ala lateral - Payssandu. Todos os aposentos frontais abriam-se para varandas que podiam ser individuais ou uni-los em grupos de dois ou três, sendo que a comunicação interna entre células permitia a ocupação por grupos maiores, muitas vezes famílias residentes no hotel. O prédio, conforme os paradigmas da época, inseria-se perfeitamente no tecido urbano. Fazia, inicialmente, divisa com edifícios mais baixos, de dois a quatro andares (Fig.5). Na ala de acesso, em virtude da privilegiada vista da Praça da Alfândega e da afamada Rua da Praia, situavam-se os melhores quartos, favorecidos também pela orientação norte, protegida por varandas. A face voltada para a Payssandu tinha insolação oeste, problemática nos dias de verão.

Em 1927, ocorre a primeira ampliação, assinada por Carlos Sylla, e a ala lateral é acrescida de mais 11 dormitórios por pavimento (Fig.8b). Só em 1928, com a incorporação do lote de esquina, o hotel adquire aquela que seria a sua forma final, um "L" perfeito, com 38 quartos por pavimento e quatro poços de iluminação e ventilação (Fig.8c). Supõe-se que a idéia de ocupação de esquina era originalmente prevista, pois o arranjo inicial da planta baixa possibilitava facilmente as expansões posteriores. Uma perspectiva do edifício, provavelmente anterior à construção, confirmaria tal hipótese (Fig.6). Percebe-se que a sua configuração final, anos mais tarde à sua concepção, toma contornos mais "modernos", com a supressão dos frontões e sua substituição por um coroamento mais contínuo e simplificado (Fig.7). O torreão de esquina, com varandas arredondadas e cúpulas superiores, embasado por grandes colunas e uma porta que poderia ser de acesso principal, dá lugar a uma aresta arredondada mas cega, com a mesma altura do resto do edifício. O hotel passa a ter, então, instalações para receber até 250 hóspedes, com equipamentos em sua maioria importados, de alto luxo e requinte.

Falecido o Sr. Cristino, o Grande Hotel passa à direção de seus



FIG. 2 Grande Hotel. Pátio interno.

Foto cedida pelo Arquiteto Carlos Azevedo Moura.



FIG. 3 Grande Hotel. Primeira fase.

Foto cedida pelo Arquiteto Carlos Azevedo Moura.



FIG. 4 Grande Hotel. Interior.

Foto cedida pelo Arquiteto Carlos Azevedo Moura.



FIG. 5 Grande Hotel. Contexto urbano.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.



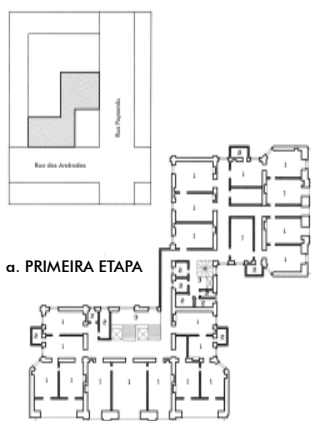
FIG. 6 Grande Hotel. Perspectiva.

Foto cedida pelo Arquiteto Carlos Azevedo Moura



FIG. 7 Grande Hotel. Fase final.

Foto cedida pelo Arquiteto Carlos Azevedo Moura.



a. PRIMEIRA ETAPA



b. SEGUNDA ETAPA



c. TERCEIRA ETAPA

FIG. 8 Grande Hotel. Situação e planta baixa do pavimento-tipo.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

filhos, Pedro, José e Luiz Cuervo. Em princípios de 1957, o tradicional estabelecimento deixa de funcionar como hotel e os proprietários recém empossados adaptam-no às novas circunstâncias. Além dos locais de comércio do térreo e do Círculo Militar de Porto Alegre, que ocupava os dois últimos pavimentos, instalam-se ali uma importante repartição federal e dezenas de escritórios⁹. Em maio de 1967, finalmente, um trágico incêndio destrói aquele que teria sido, talvez, o mais importante hotel que a cidade já teve. Chegara ao fim o outrora reduto de políticos, fazendeiros, homens de negócios; anfitrião de atrizes das companhias teatrais, jogadores profissionais e estudantes abastados; moradia de famílias ricas e de genealogia imponente. Dentre as muitas histórias contadas sobre o Grande Hotel, ficaram especialmente famosas aquelas sobre a Revolução de 1930. Flores da Cunha, Osvaldo Aranha, Maurício Cardoso e outros revolucionários eram hóspedes fiéis do hotel, que se tornou uma espécie de quartel-general da conspiração e testemunha de inúmeros incidentes a ela relacionados¹⁰. Dante de Laytano assim o descreve: “O Grande Hotel era a sede não oficial de todos os partidos políticos. Seus líderes residiam ali. Era *status*. Banquetes, festas oficiais, cerimônias sociais. (...) O tumulto, as brigas, a repressão, a agitação que naturalmente ficavam sempre ao lado das moças bonitas a desfilar pelas calçadas e a rapaziada no meio da rua, defronte ao cordão do meio-fio. A *belle époque*, o chapéu das senhoras, as luvas, a elegância de uma sociedade burguesa, etc. e tal”¹¹.

● MAJESTIC HOTELL

A história do Majestic Hotel, que a partir da década de 20 passa a ser o principal concorrente do Grande Hotel, começa no início deste século, quando Porto Alegre, com pouco mais de cem mil habitantes, sofre um processo de desenvolvimento econômico conseqüente à chegada de grande contingente de imigrantes europeus¹². Os novos donos do poder, provenientes do sistema pecuarista-latifundiário, adotavam uma orientação que tendia à modernização do aparato estatal e dos meios de produção, incentivando a ascensão de uma burguesia

urbana que conseguira acumular imensos capitais à custa de agricultores educados em seculares relações de submissão. Esses capitais permitiram a estruturação de uma sólida rede bancária que financiava a instalação de numerosas fábricas e um desenvolvimento econômico e social inéditos em Porto Alegre¹³. É só então que a cidade, capital desde 1773, começa a recuperar o prestígio e a hegemonia econômica perdidos para Pelotas durante boa parte do século XIX em função do ciclo das charqueadas. Ocorre um verdadeiro *boom* imobiliário e a demanda de arquitetos cresce vertiginosamente. Antes da Primeira Guerra Mundial já havia um número considerável de profissionais em atividade, a maioria alemães, etnia cuja imigração fora incentivada pela abolição da escravatura e pela instauração da República, que criou condições para a ascensão das classes burguesas que viviam do comércio entre a capital e as colônias. A estrutura açorianista da cidade tem sua fisionomia fortemente alterada e as construções, até então influenciadas pela arquitetura colonial portuguesa, passam a conviver com edifícios robustos, ecléticos, com um rigor quase militar¹⁴.

Dentre esses arquitetos alemães imigrados destacou-se Theo Wiederspahn, responsável por inúmeras obras de relevo desde sua chegada em 1908. O jovem arquiteto, empregado de uma grande construtora¹⁵, é incumbido em 1910 do projeto de um prédio para o senhor Horácio Carvalho, implantado num terreno à Rua da Praia, entre as atuais ruas João Manoel e Bento Martins, e cortado pela Travessa Araújo Ribeiro. A proposta inicial consistia num edifício com térreo, mais cinco pavimentos e duas alas, uma de cada lado da travessa, ligadas por passarelas suspensas (Fig.9). A execução da obra é embargada pelo então Presidente do Estado, Borges de Medeiros, que alegava o alto risco estrutural apresentado pelas passarelas¹⁶. Foi construída, assim, apenas a ala oeste do edifício, com quatro pavimentos e 150 quartos (Fig.10). Concluída em 1918, passa a funcionar como pensão de boa categoria e a abrigar, no salão térreo, a Companhia Sulford de Veículos. Em 1923, os irmãos Masgrau arrendam o edifício e inauguram o Majestic Hotel (Fig.12). Bem freqüentado - famílias do interior que traziam os



FIG 10. Hotel Majestic. Primeira Etapa. Planta Baixa do Pavimento Tipo.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.



FIG 11. Hotel Majestic. Segunda Etapa. Planta Baixa do Pavimento Tipo.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.



FIG. 9 Majestic Hotel. Proposta inicial.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.



FIG. 12 Majestic Hotel. Primeira fase.

Acervo do Museu Hipólito da Costa: Almanaque do Correio do Povo, 1924.

filhos para estudar na capital, casais de bom poder aquisitivo que ali estabeleciam residência, militares e algumas figuras importantes da política e das artes - o Majestic começa a sua fase áurea, tendo como rival apenas o Grande Hotel que, sem dúvida, absorvia a clientela mais proeminente. Em 1927, finalmente, por influência do Intendente Municipal Dr. Otávio Rocha, Borges de Medeiros concede licença para a continuação das obras do hotel¹⁷. Dois anos depois o Majestic estava concluído, com seus 300 quartos, alguns apartamentos especiais para famílias e salão de refeições para 600 pessoas¹⁸ (Fig. 11). A nova ala, a leste, era composta de seis pavimentos, produzindo uma assimetria no edifício que, apesar de indesejada, acabou sendo definitiva (Fig. 13). Destacava-se de seus vizinhos, casas residenciais e comerciais baixas, não só pelo porte, mas também pela originalidade morfológica - passarelas suspensas, sacadas internas, grandes cúpulas superiores - e pela imponência eclética, com adornos altamente decorativos. Sua linguagem, francamente inspirada nos moldes do século XIX, escondia, entretanto, uma técnica construtiva avançada, transição da arquitetura de paredes auto-portantes para a de estrutura independente. Possuía caixa externa portante, sem pilares internos, mas com lajes e vigas de concreto armado. Os grandes espaços, formando um sistema de pórticos, foram repartidos originalmente por alvenaria leve e estuque¹⁹. O térreo era comercial e os acessos ao hotel davam-se pela Travessa Araújo Ribeiro, bem no centro de cada ala, sob as passarelas centrais. O requintado *lobby*, de pé-direito alto e marcado por duas grandes colunas revestidas de mármore, tinha ao fundo a escada e os elevadores que desembocavam, a cada pavimento, em um amplo saguão frontal à passarela central, que servia como espaço de convívio. Formavam-se, desta forma, dois tipos de percurso dentro do hotel: um transversal-vertical, amplo, semi-público, ligando *lobby*, saguões, passarelas e salas coletivas do último andar; outro longitudinal-horizontal, contido, reservado, através dos corredores de ligação das células habitacionais. O percurso transversal-vertical proporcionava um interessante jogo entre espaços internos, externos, públicos e privados: num extremo estava a travessa, espaço aberto que permitia o encontro entre hóspedes e passantes; no meio do percurso estavam as salas de estar, ora protegidas por paredes, ora na forma de grandes varandas abertas ao exterior, próprias para encontros entre hóspedes; no extremo superior ficavam restaurante e salão de baile, onde aconteciam eventos sociais que reuniam os membros mais seletos da comunidade porto-alegrense. O percurso longitudinal-horizontal, introvertido, caracterizava o movimento no pavimento-tipo, em fita dupla, com células habitacionais voltadas para a travessa e serviços de apoio, sanitários coletivos e circulação vertical ao longo das divisas, recortadas por quatro estreitos poços. A disposição das células permitia sua iluminação e ventilação diretas, o que constituía exceção numa época em que os quartos de hotéis eram climatizados, em grande parte, através de poços internos. A verdadeira chave do projeto era, sem dúvida, a travessa Araújo Ribeiro. Ao incorporá-la ao hotel, Theo criou um espaço ao mesmo tempo aberto e contido, com zonas de



FIG. 13 Majestic Hotel. Fase final.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

expansão e retração, com alternância de alturas e luminosidade; nem tão privado que constituísse uma barreira aos passantes, mas nem tão público que não funcionasse como filtro aos transeuntes da cidade. Sua escala era agradável. As varandas privadas conferiam-lhe um ar familiar, de vizinhança; as passarelas e cúpulas davam-lhe monumentalidade. Era o “coração” do hotel, seu centro de convívio e integração (Fig. 14).

Os anos 40 marcam o início do declínio do Majestic Hotel, que tem sua fisionomia gradativamente alterada. Na década seguinte uma nova safra de clientes, composta principalmente por caixeiros viajantes, passa a predominar e a concorrência com hotéis modernos torna-se insustentável. A população de Porto Alegre cresce num ritmo acelerado e os setores sociais mais abastados começam a abandonar o centro, que sofre um lento processo de degradação e substituição de usos²⁰. Em 60, após sucessivas mudanças administrativas, o tradicional estabelecimento passa a funcionar como uma espécie de pensão mensalista, lar de antigos clientes, pequenos funcionários, aposentados, idosos²¹. Em 1980, o Banrisul compra o Majestic e três anos depois o prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico, passando a funcionar como Casa de Cultura em 1990²².

OUTROS HOTÉIS

Se o Grande Hotel e o Majestic foram os principais, não foram, entretanto, os únicos hotéis importantes que Porto Alegre possuiu. Aliás, a arquitetura hoteleira das primeiras décadas deste século parece ter sido considerável no contexto central da cidade. Constata-se, pelos esparsos dados existentes, haver um tipo freqüente e talvez predominante: o hotel de esquina. É provável que a capacidade de investimento e a grande disponibilidade de lotes centrais permitissem ao proprietário a escolha do “terreno ideal” para a implantação de seu hotel. Ora, num modelo urbano em que os edifícios, normalmente estreitos, não possuem recuos laterais, constituindo perfeitamente a rua, e considerando que o programa hoteleiro pressupõe um grande número de células habitacionais dispostas em relação a um corredor, o “terreno ideal” para que se obtivessem as melhores vistas e as melhores condições climáticas para tais células seria o de esquina. Constata-se, de fato, que os hotéis de meio de quadra possuíam a maioria de seus quartos ventilados e iluminados através de poços, sem vistas interessantes. O Grande Hotel exemplificaria o modelo do hotel de esquina, com aposentos voltados ou para as ruas ou para um pátio situado no quadrante interno do terreno, junto às divisas. Desta forma, todos os quartos seriam favoravelmente orientados, com privilégio, sem dúvida, daqueles voltados para fora, numa época em que o centro era calmo, descongestionado, bem freqüentado e seguro.

O Novo Hotel Jung, na Praça XV, o Grande Hotel Schmidt, na esquina da Andradas com a Marechal Floriano, o Hotel La Porta, na Andradas com a Uruguai, o Hotel Moritz, na 7 de Setembro esquina João Manoel, o Hotel Viena na Andradas com a General Câmara, são bons exem-



FIG. 14 Majestic Hotel. Rua interna.

Arquivos do Museu Hipólito da Costa.



FIG. 15 Novo Hotel Jung. Vista Rua Marechal Floriano com Otávio Rocha.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.



FIG. 16 Grande Hotel Schmidt. Vista Rua Andradas com Marechal Floriano.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.



FIG. 17 Hotel La Porta. Vista Rua dos Andradas com Uruguai.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

plos (Figs. 15, 16, 17, 19 e 20). Eminentemente ecléticos ou caracterizando uma transição em direção à arquitetura moderna, com número de pavimentos variável entre quatro (Moritz) e 10 (Jung), eram todos grandes estabelecimentos, com uma base comercial bem marcada, às vezes de dupla altura. Normalmente, os quartos principais possuíam varandas voltadas para as ruas. Algumas vezes com aberturas (Moritz, La Porta, Viena), outras sem (Schmidt), a aresta de esquina podia se arredondada ou em ângulo de 45 graus. Alguns, como o Jung, em virtude da acentuada assimetria entre as duas alas, tinham plantas que tendiam mais à linearidade, com a quase totalidade dos quartos voltados para uma das ruas, do que à forma de "L", mais freqüente.

Outra constatação relativa à época considerada é a grande quantidade de hotéis porto-alegrenses situados junto a praças. Tendência historicamente importante em cidades de prestígio, centros de negócios e distritos comerciais europeus e norte-americanos, os hotéis em praças ou parques urbanos - *plaza* ou *park hotels*²³ - ocupam uma área nobre do tecido da cidade, visualmente agradável e livre da interferência de outros edifícios. A lista de exemplos é encabeçada pelo Grande Hotel, com acesso pela Rua da Praia, em frente à Praça da Alfândega, até hoje a mais importante do centro de Porto Alegre, local de encontros, feiras e eventos culturais de relevo (Fig.5). Também junto à Praça da Alfândega, mas na esquina oposta, em frente à antiga Confeitaria Colombo, ficava o Hotel Viena, reduto de intelectuais e artistas²⁴ (Fig.20). O Hotel Carraro, fundado em 1924 pelos proprietários da firma Amante Carraro & Irmãos, à Rua Marechal Floriano, transfere-se, em 1935, para um magnífico edifício em frente à Praça Otávio Rocha, onde hoje existe o prédio da Mesbla²⁵ (Fig.18). O antigo Hotel Jung de 1913-14, situado na Rua Voluntários da Pátria, é substituído, em 1932, pelo Novo Hotel Jung. Com 120 quartos, vista para o Guaíba dos andares mais altos e todas as comodidades disponíveis na época de sua construção, o moderno arranha-céu localizou-se no cruzamento da Av. São Rafael, hoje Otávio Rocha, com a Praça XV de Novembro, um dos pontos centrais mais movimentados da cidade²⁶ (Fig.15).

A partir da década de 50 o centro de Porto Alegre vai perdendo o seu



FIG. 18 Hotel Carraro. Vista Praça Otávio Rocha.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

antigo charme. A população de maior poder aquisitivo desloca-se para bairros menos congestionados, os prédios outrora residenciais, passam a comerciais e surgem problemas de segurança, principalmente à noite, quando morre o movimento de lojas e escritórios. Mais recentemente, com o aparecimento de grandes *shopping centers*, o tradicional comércio de rua tem sua importância reduzida e o processo de degradação do centro acentua-se ainda mais. Os antigos hotéis vão gradativamente desaparecendo e dão lugar a empreendimentos mais modernos, adaptados aos novos padrões tecnológicos e ao novo perfil sócio-econômico dos hóspedes. Sem o requinte de tempos passados, os atuais hotéis de negócios estão privados da tranquilidade e da elegância das antigas ruas centrais. Mais pragmáticos e econômicos, substituem os grandes edifícios de esquina, os agradáveis hotéis de praça e misturam-se a uma massa de inexpressivos edifícios dispostos em meio a um tecido heterogêneo, denso e intrincado.

NOTAS

1. LEÃO, Sílvia. *Arquitetura de hotéis: caso de Porto Alegre-RS*. Porto Alegre, Departamento de Arquitetura, 1998. Pesquisa.
2. LEÃO, Sílvia. *Hotel: origens e formas atuais. Caso de Florianópolis-SC*. Porto Alegre, PROPAP-UFGRS, 1995. Dissertação de Mestrado.
3. O Professor Arquiteto Günter Weimer forneceu os dados necessários ao acesso direto aos microfimes da Prefeitura de Porto Alegre.
4. O Professor Arquiteto Carlos Azevedo Moura, devido a ligações familiares, cedeu fotos originais e inéditas do antigo Grande Hotel.
5. SANHUDO, Ary Veiga. *Porto Alegre. Crônicas da minha cidade*. Porto Alegre, Sulina, 1961. p. 89.
6. *Id. ibid.*
7. FORTINI, Archimedes. *O passado através da fotografia*. Porto Alegre, Grafipel, 1959. p. 58-60.
8. FOGO revive uma página da história de Porto Alegre. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 mai. 1967, s. n. p.
9. A repartição federal atendida pela sigla IAPFESP. Em: FOGO revive (...), *op. cit.*
10. Grande Hotel, o maior ponto de referência. *Zero Hora*, Porto Alegre, 3 out. 1980. Caderno ZH, p. IV-V.
11. LAYTANO, D. *Uma pequena introdução à história de um hotel*. *Zero Hora*, Porto Alegre, 3 out. 1980. Caderno ZH, p. IV-V.
12. KIEFER, Flávio. *Casa de Cultura Mário Quintana: a utopia sobrevive*. Projeto, São Paulo, n. 144, p. 64-71, ago. 1991.
13. WEIMER, Günter. Theo Wiederspahn, arquiteto. Projeto, São Paulo, n. 80, p. 98-102, out. 1985.
14. *Id. ibid.*
15. Ainda em 1908 Wiederspahn foi contratado pelo Escritório de Engenharia Rodolfo Ahrons, que foi a primeira grande empresa construtora da cidade de Porto Alegre. *Id. ibid.*
16. Sabe-se, entretanto, que o embargo deveu-se muito mais a divergências ideológicas existentes entre Borges de Medeiros e Horácio Carvalho, que mantinha boas relações com a comunidade alemã residente na cidade à época da I Guerra. Em: SILVA, Liana Koslowsky. *Majestic Hotel. Memórias de um monumento*. Porto Alegre, Movimento, 1992, p. 26 - 27.
17. SILVA, *op. cit.*, p. 44 - 45.
18. *Id. ibid.*, p. 52.
19. SILVA, Liana Koslowski da & HENEMANN, Claudio. *Breve histórico do Hotel Majestic - hoje Casa de Cultura Mário Quintana*. Arquivos da Casa de Cultura Mário Quintana, datilografado, p.2.
20. LOPEZ, Luiz Roberto. *Porto Alegre e o Majestic*. Mimeografado, out/1990.
21. O poeta Mário Quintana, que deu nome à posterior Casa de Cultura, instala-se no Majestic em 1968, residindo ali até 1980. SILVA, L. K. *Majestic Hotel. Memórias de um monumento*, *op. cit.*, p. 86 e 99.
22. *Id. ibid.*, p. 73 - 134.
23. LEÃO, 1995, *op. cit.*, p. 69-70.
24. Informação fornecida pelo Professor Arquiteto Günter Weimer.
25. RIO GRANDE DO SUL. *Imagem da terra gaúcha*. Major Morency do Couto e Silva, Dr. Arthur Porto Pires e Léo Jerônimo Schidrovitz. Porto Alegre, Cosmos, 1924, p. 618.
26. *Id. ibid.*



FIG. 19 Hotel Moritz. Vista Rua Sete de Setembro com João Manoel.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.



FIG. 20 Hotel Viena. Vista Rua dos Andradas com General Câmara.

Arquivo fotográfico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

Sílvia Leão

graduou-se pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1982. De 1983 a 1994, lecionou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1995, após concluir o curso de mestrado no PROPAP-UFGRS, transferiu-se para a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, onde hoje atua como docente, pesquisadora e editora da revista ARQTextos.